

PELES PRETAS IMPORTAM: UM MANIFESTO EM PROL DA ABORDAGEM DE AFECÇÕES DERMATOLÓGICAS EM PELE NEGRA

Pieles negras importan: un manifiesto para el abordaje de las afecciones dermatológicas en la piel negra

Black skins matter: a manifest for the approach of dermatological affections in black skin

Mariana Peixoto Dantas¹, Júlia Laís dos Santos², Paloma Aires Araújo³,
Beatriz Regina Vieira⁴, Addonai Teixeira de Oliveira⁵

RESUMO

O presente trabalho corresponde a um relato de experiência da atividade “Peles Pretas Importam”, desenvolvida por estudantes de medicina filiados à International Federation of Medical Students’ Associations of Brazil – uma organização estudantil cuja missão consiste em contribuir para a formação de profissionais de saúde mais humanizados, empáticos e socialmente responsáveis através da extensão universitária. A intervenção, ambientada em moldes remotos devido à pandemia de COVID-19, objetivou abordar com maior profundidade as particularidades dermatológicas referentes à pele negra, uma vez que praticamente todas as referências da literatura médica dão enfoque apenas a peles mais claras.

Palavras-chave: Extensão; Dermatologia; Saúde da população negra.

¹²³⁴⁵ Discente do curso de Medicina da Faculdade Pernambucana de Saúde.

RESUMEN

El presente trabajo corresponde a un relato de experiencia de la actividad “Peles Pretas Importam”, desarrollada por estudiantes de medicina afiliados a la International Federation of Medical Students’ Associations of Brazil – organización estudiantil cuya misión consiste en contribuir a la formación de profesionales de la salud más humanizados, empáticos y socialmente responsables a través de la extensión universitaria. La intervención, ambientada en moldes remotos debido a la pandemia de COVID-19, tuvo como objetivo abordar con mayor profundidad las peculiaridades dermatológicas de la piel negra, ya que prácticamente todas las referencias en la literatura se centran únicamente en las pieles más claras.

Palabras clave: Extensión; Dermatología; Salud de la población negra.

ABSTRACT

The present study corresponds to an experience report of the activity “Peles Pretas Importam”, developed by medical students affiliated to the International Federation of Medical Students' Associations of Brazil – a student organization whose mission consists of contribute to the training of more humanized, empathetic and socially responsible health professionals through university extension. The intervention, set in remote molds due to the COVID-19 pandemic, aimed to discuss in greater depth the dermatological peculiarities of black skins, since practically all references in the literature focus only on lighter skins.

Keywords: Extension; Dermatology; Health of the black population.

EM QUE CONSISTE A PRÁTICA A SER RELATADA

A extensão universitária, prática de educação continuada que visa estimular a produção científica e o ensino (NOGUEIRA, 2005), apresenta cunho indissociável da formação acadêmica e intercede pela disseminação do conhecimento para além dos muros da universidade, tornando-o acessível às mais variadas comunidades (GADOTTI, 1994). Tida como um processo interdisciplinar educativo, político e cultural, proporciona ao estudante um maior contato com diferentes realidades sociais e atua como uma ferramenta de fomento à reflexão e ao desenvolvimento pessoal (FERNANDES *et al.*, 2012).

Fundada em 1951 e presente em mais de 120 países, a International Federation of Medical Students' Associations (IFMSA) é uma das maiores e mais antigas organizações estudantis do planeta, a qual conecta, atualmente, por volta de 1 milhão e 300 mil estudantes de medicina ao redor do mundo. A International Federation of Medical Students' Associations of Brazil (IFMSA Brazil), braço nacional da IFMSA, opera em cerca de 220 escolas médicas brasileiras e advoga pela edificação da extensão como um instrumento para a transformação e inclusão social. Para tal, conta com a atuação de quatro comitês permanentes de atividades que, através da realização de campanhas, projetos, simpósios, workshops e demais modalidades de eventos, buscam estimular o engajamento de acadêmicos em temáticas relevantes ao bem-estar de populações vulnerabilizadas, à educação médica e à saúde pública como um todo.

A partir dos subsídios oferecidos pela IFMSA Brazil, membros do comitê permanente de direitos humanos e paz da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS) idealizaram, com base no 25º artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) – que visa à proteção e à garantia da saúde como liberdade fundamental –, a atividade “Peles Pretas Importam”. Ambientada em moldes remotos, a intervenção possibilitou, mediante palestra ministrada pela dermatologista Jaci Santana, a discussão de afecções dermatológicas em peles pretas e pardas, haja vista a baixa representatividade da pauta no currículo médico.

Figura 1: Arte de divulgação da atividade “Peles Pretas Importam”



Fonte: Acervo dos autores.

CONTEXTO EM QUE OCORRE A AÇÃO

Em termos biológicos, acreditava-se que a raça podia ser entendida como uma característica que, ao levar em consideração a cor da pele, a textura capilar, a conformação facial e as demais particularidades fenotípicas da natureza humana, compartimentava indivíduos que compartilhavam de atributos semelhantes em grupos raciais (SANTOS *et al.*, 2010). Após densa análise sobre o tema, entretanto, os cientistas sociais concluíram que essa definição, além de reducionista, era responsável pela perpetuação do racismo institucional, uma ideologia pautada na marginalização de minorias étnicas e no benefício de setores autodefinidos como “racialmente superiores” (LÓPEZ, 2012). Visto isso, a raça é, atual e preferivelmente, encarada como uma concepção construída a partir do imaginário social, a qual pode, quando em associação ao racismo institucional, gerar estressores que dificultam o ajuste social e a sensação de bem-estar por parte das vítimas (HARRELL, 2000).

Segundo o estabelecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cor/raça é uma variável autodeclarada que pode ser dividida em cinco categorias: branca, preta, parda, indígena ou amarela. Os dados mais recentes disponibilizados pelo IBGE apontam que a negritude, aspecto étnico que comporta indivíduos pardos e pretos, é autodeclarada por cerca de 56,20% dos habitantes do país (IBGE, 2019). Além de constituírem a maior parte da população brasileira, os negros também representam a maioria entre os usuários do Sistema Único de Saúde (SUS): de acordo com dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a porcentagem se aproxima dos 70% (67%) (BRA-

SIL, 2017). Contudo, embora retrate considerável parcela da sociedade, a população negra tem, devido ao racismo institucional, pouca ou nenhuma representatividade na bibliografia médica, sendo tal problemática particularmente alarmante no âmbito da dermatologia (LOUIE; WILKES, 2018).

Devido à escassa e, por vezes, insuficiente abordagem das afecções dermatológicas em peles re-tintas, os profissionais de saúde acabam por padronizar os achados e por atender indistintamente todos os indivíduos, assumindo como referencial apenas a pele clara (ALCHORNE; ABREU, 2008). Esta conduta, além de servir como impedimento ao diagnóstico, é responsável pela exacerbação de quadros dermatológicos por todo o território nacional, o que caracteriza um importante e emergencial impasse para a saúde pública. Casos de pacientes diagnosticados erroneamente por não apresentarem a vermelhidão "característica" de determinadas condições cutâneas – sinal mascarado pela hiperpigmentação da pele – são, inclusive, recorrentemente descritos em literatura internacional (BRITISH JOURNAL OF DERMATOLOGY, 2019).

Em texto publicado no jornal britânico *The Guardian*, o médico Neil Singh, professor do departamento de atenção primária e saúde pública da Brighton and Sussex Medical School, narra uma desconcertante experiência que vivenciou com um de seus pacientes.

Meu paciente era um homem negro e esguio, com 40 e poucos anos [...]. O motivo da consulta era sua pele. Ele levantou sua camiseta, mostrando-me seu peito, e fiquei chocado ao ver um respingo de manchas prateadas e ásperas por todo seu torso. Eu não tinha ideia do que fazer com elas. No início, fiquei bastante alarmado, pensando em uma série de possíveis causas, algumas realmente sérias. Mas ele me tranquilizou: “Eu frequentemente apresento essas manchas”. Viu meu olhar vazio e explicou, educadamente. “Eu tenho psoríase”. Voltei ao seu prontuário médico e lá estava listado um diagnóstico que eu não consegui identificar: psoríase crônica em placas. O paciente estava tendo um surto e se perguntou se havia um tratamento alternativo que pudesse tentar. No final das contas, foi um caso simples, que unicamente exigiu o teste de um creme diferente. Mas, depois que ele foi embora, fiquei me sentindo inquieto, porque se esta fosse a primeira vez que ele tivesse manifestado essa erupção, eu provavelmente teria errado o diagnóstico (THE GUARDIAN, 2020).

Singh, após descrever o ocorrido, continua o relato apontando o impasse como uma defasagem do currículo médico.

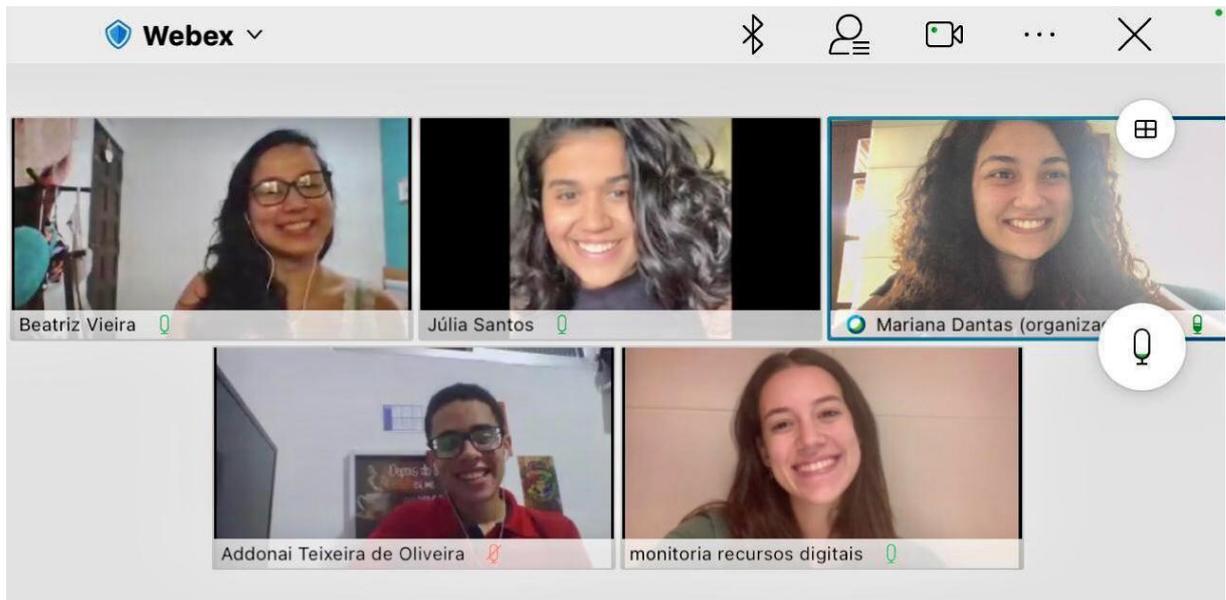
Pensei no treinamento em dermatologia que recebi na faculdade de medicina. Eu só conseguia recordar três ocasiões em que a pele escura foi usada para demonstrar uma afecção cutânea: uma vez, para ilustrar como a pele preta pode cicatrizar em faixas grossas chamadas cicatrizes de queiloide; uma vez, durante uma sessão sobre sífilis e outras úlceras genitais; e uma vez, em uma apresentação sobre vitiligo, um distúrbio no qual seções da pele perdem seu pigmento. A pele escura tinha sido usada apenas para demonstrar essas especificidades dermatológicas, e nunca como parte do ensino básico sobre distúrbios comuns (THE GUARDIAN, 2020).

À face da inquietação gerada pelos dados supracitados, idealizou-se a atividade “Peles Pretas Importam”. Em termos gerais, a ação objetivou suprir parte do déficit da falta de representatividade negra em livros médicos, bem como alertar a comunidade acadêmica quanto à magnitude da problemática, reclamando por uma maior proatividade frente à pauta.

PARTICIPANTES/INTEGRANTES DA AÇÃO RELATADA

O público-alvo foi composto, majoritariamente, por estudantes do 1º ao 7º período de medicina da FPS, faculdade localizada na região metropolitana do Recife. Embora a organização do evento tenha permitido a participação de profissionais e de graduandos de outras instituições, a adesão nesta modalidade foi relativamente baixa: apenas dois estudantes de demais universidades compareceram – um do Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU) e outro da Universidade de Pernambuco (UPE). Ao todo, foram contabilizados 36 inscritos, dos quais 5 participaram ativamente da estruturação do encontro e 31 atuaram apenas como telespectadores.

Figura 2: Alunos envolvidos na organização da atividade.



Fonte: Acervo dos autores.

METODOLOGIA

Aspectos metodológicos

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, cujo levantamento bibliográfico para fundamentação teórica se deu através da pesquisa em bases de dados como o Pubmed e a Scientific Electronic Library Online (SciELO). Para seleção dos artigos, levou-se em consideração trabalhos disponíveis na íntegra e redigidos na língua inglesa ou portuguesa. Estudos que não abordaram a temática em sua totalidade, em contrapartida, foram excluídos. Além disso, outros documentos, a exemplo das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) de medicina, da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) e de demais materiais informativos do Ministério da Saúde (MS), também foram utilizados como referencial.

Relato de experiência

Idealizada por estudantes da FPS filiados à IFMSA Brazil, a atividade "Peles Pretas Importam" – cujo título faz menção ao movimento “Black Lives Matter” (em tradução livre, “Vidas Pretas Importam”) – foi estruturada frente à percepção da baixa representatividade negra no currículo e na literatura médica. Seu objetivo geral, portanto, foi o de reforçar a importância da discussão acerca da escassez de conteúdos didáticos abordando a pele preta e parda, destacando a relevância de interven-

ções semelhantes para a formação acadêmica integral e racialmente equânime. Ademais, estabeleceram-se objetivos específicos, dentre os quais cabe citar 1) compreender as especificidades da semiologia dermatológica negra, ampliando o conhecimento do graduando acerca do assunto; 2) apontar a necessidade de conhecimento das particularidades estruturais, biológicas e funcionais da pele negra, reforçando a importância de se atender o paciente em sua individualidade; 3) esclarecer eventuais dúvidas referentes à temática; 4) encorajar o estudante no aprofundamento do tema proposto.

Apesar do pouco contato com a dermatologia no ciclo básico, pensou-se em uma atividade que englobasse acadêmicos dos mais variados períodos, dada a importância social da pauta. Assim, a intervenção foi amplamente divulgada nos grupos de WhatsApp das turmas da faculdade e no Instagram da IFMSA Brazil FPS, tendo sido o marketing a principal ferramenta utilizada para incentivar o interesse e a adesão dos estudantes. Junto às artes e aos textos de divulgação, disponibilizou-se um formulário do Google para submissão das inscrições.

Devido ao fato de não se ter limitado a participação de acadêmicos de anos mais iniciais, o propósito da organização do encontro foi o de realizar uma palestra com um(a) médico(a) dermatologista que, além de especializado(a) em peles negras, apresentasse didática compreensível a estudantes de graduação desde o primeiro período. Para tanto, os coordenadores, após intensa busca por dermatologistas com lugar de fala e propriedade técnica sobre o tema, convidaram a dra. Jaci Santana, médica graduada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e especialista em dermatologia pela Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD). A escolha, motivada pela representatividade negra da dermatologista, mostrou-se precisa: dra. Jaci ministrou brilhantemente uma palestra intitulada “Principais afecções dermatológicas na pele negra” aos 36 inscritos, transmitida na sexta-feira do dia 05 de março de 2021 através da plataforma virtual Youtube – selecionada por sua ampla disponibilidade e livre acesso. Além de abordar as particularidades estruturais, biológicas e funcionais, a palestrante discorreu sobre as características gerais das dermatoses e as afecções dermatológicas mais frequentes das peles pretas e pardas, suprimindo parte do déficit dos estudantes e alertando quanto à necessidade de maior representatividade negra na grade curricular do curso de medicina.

No início e ao final do encontro, a organização do evento disponibilizou dois formulários para preenchimento por parte dos inscritos: um pré-ação contendo cinco perguntas (40 respostas obtidas) e um pós-ação contendo cinco perguntas (31 respostas obtidas). Em conjunto, os questionários computaram a presença para posterior certificação e mensuraram o impacto quanto à aquisição de novos conhecimentos. O questionário prévio ao debate teve como resultado:

1- “Você já se deparou com imagens de lesões em pele negra nos livros de dermatologia?”

R – 5% responderam “muitas vezes”, 65% responderam “poucas vezes”, 5% responderam “apenas uma vez” e 25% responderam “nunca”;

2- “Ao estudar dermatologia ou exame da pele e fâneros em sua formação, houve um estudo mais aprofundado nas patologias em pele negra?”

R- 85% responderam “não” e 15% responderam “sim, mas de forma superficial”;

3- “Você acha que as patologias dermatológicas ou com sintomatologia cutânea são iguais para peles negras e brancas?”

R – 77,5% responderam “não” e 22,5% responderam “não sei dizer”;

4- “Você acha relevante haver a mudança na matriz curricular dos cursos de saúde, a fim de explorar mais as afecções dermatológicas em pele negra?”

R – Todos os alunos responderam “sim”;

5- “Você acha que os profissionais de saúde, ao se formarem, estão preparados para as situações clínicas envolvendo lesões na pele negra?”

R – 65% responderam “mais ou menos”, 32,5% responderam “não” e 2,5% responderam “sim”.

No questionário realizado após atividade, obtiveram-se os seguintes dados:

1- “Você sente que conseguiu entender as principais particularidades existentes na dermatologia da pele negra?”

R – Todos os alunos responderam “sim”;

2- “Você se sente motivado a procurar explorar e entender ainda mais sobre a saúde da pele negra?”

R – Todos os alunos responderam “sim”;

3- “Você acha relevante haver uma mudança na matriz curricular dos cursos de saúde, a fim de explorar mais as afecções dermatológicas em pele negra?”

R – 96,8% responderam “sim” e 3,2% responderam “não sei dizer”;

4- “Você se acha mais interessado em promover debates acerca da saúde da pele negra no contexto da sua graduação?”

R – Todos os alunos responderam “sim”;

5- “Você acha importante haver mais estudos sobre a dermatologia da pele negra?”

R – Todos os alunos responderam “sim”.

Percebe-se que as respostas, ao demonstrarem significativo avanço em termos de conscientização e de percepção da necessidade de mudança da matriz curricular do curso médico, ilustram o êxito da intervenção e o alcance de todos os objetivos propostos.

Figura 3: Captura de tela da atividade “Peles Pretas Importam”.



Fonte: Acervo dos autores.

RESULTADOS ALCANÇADOS

No capítulo I das DCNs do curso de medicina, o artigo 5º da seção I traz que "o graduando será formado para considerar/// sempre as dimensões da diversidade biológica, subjetiva, étnico-racial, de gênero, orientação sexual, socioeconômica, política, ambiental, cultural, ética e demais aspectos que

[...] singularizam cada pessoa ou grupo social". Enquanto isso, já no capítulo II, o artigo 9º da seção I retrata a atenção às necessidades individuais de saúde como uma das competências gerais da prática médica (BRASIL, 2001).

Diante do requisitado pelas DCNs, conclui-se que a atividade foi bem-sucedida em promover reflexões a respeito de uma temática que, apesar de atual, e de extrema relevância, não é frequentemente comentada nas graduações médicas. De maneira geral, tem-se que a discussão permitiu a aquisição de novas perspectivas a respeito da saúde da população negra, fator que seguramente irá colaborar para a formação profissional racialmente atenta dos presentes. Além disso, ao decorrer do encontro, os participantes puderam esclarecer algumas de suas principais dúvidas sobre o tema, uma vez que a reunião foi conduzida de forma a propiciar a construção compartilhada de conhecimentos.

Após a intervenção, percebeu-se, de forma significativa e prática, a real escassez de conhecimento aprofundado quanto à dermatologia da pele negra. O engajamento e o comprometimento dos acadêmicos em aprofundar a discussão em momentos posteriores, todavia, puderam ser observados através dos feedbacks positivos recebidos no questionário pós-ação frente ao questionamento “O que você achou da ação ‘Peles Pretas Importam’? Nos dê sua opinião” (quadro 1).

Quadro 1: Feedbacks após preenchimento de questionário pós-ação.

O que você achou da ação “Peles Pretas Importam”? Nos dê sua opinião.
Achei uma ação de extrema importância, visto que o assunto não é tão debatido nas instituições de ensino médico.
Muito enriquecedora, aprendi muitas coisas que não tinha visto na aula de semiologia dermatológica. Com certeza vai me agregar bastante no futuro profissional.
Achei uma ótima palestra, a doutora explicou muito bem. Fiquei com vontade de ver mais. Obrigada, pessoal!
Extremamente enriquecedora! Discussão muito importante a respeito de um tema ainda pouco explorado no contexto da graduação. Parabéns a todos os organizadores!
A palestra foi maravilhosa e necessária, esclareceu e me inquietou a buscar mais informações.
Achei uma exposição extremamente necessária e informativa. Pude aprender mais sobre a dermatologia da pele negra e essa palestra só reforçou a necessidade de haver uma mudança na matriz curricular do curso de medicina.
Gostei bastante! Eu não tinha noção alguma sobre as particularidades da pele preta e fiquei muito contente por ter tido uma aula com uma dermatologista negra sobre o tema. Abriu meu horizonte sobre a dermatologia e a atenção à saúde dessa população.

Fonte: Acervo dos autores.

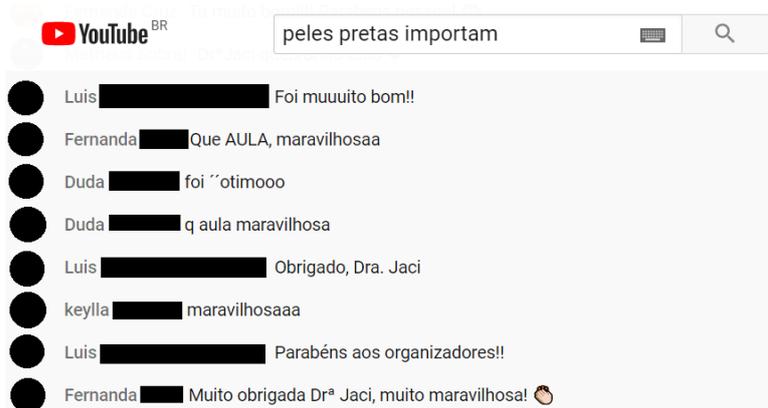
Por fim, cabe destacar que a atividade “Peles Pretas Importam” não foi simplificada e res- trita à troca profissional-estudante pontual. A iniciativa foi pensada e, posteriormente, articulada para gradativamente incentivar outras pessoas a discutirem acerca das particularidades dermatológicas da pele preta e parda, posto que a palestra ficou salva no Youtube e pode ser acessada livremente por qualquer estudante, profissional de saúde ou indivíduo interessado no tema.

O QUE SE APRENDEU COM A EXPERIÊNCIA

A partir da intervenção, tornou-se evidente aos envolvidos a necessidade de haver uma conti- nuidade no debate acerca da saúde da população negra e a demanda por uma reforma na matriz curri- cular dos cursos de saúde que possibilite a inclusão do tema, já que este foi evidenciado como sendo pobremente explorado. Nesse sentido, ainda cabe pontuar que a motivação para a mudança da matriz curricular busca a formação acadêmica ampla e diversa, a fim de capacitar os estudantes para o reco- nhecimento das especificidades das peles pardas e pretas, bem como incentivar o aperfeiçoamento de serviços que considerem as individualidades da negritude. Tal necessidade se baseia no contexto de racismo institucional presente nas escolas médicas, as quais carecem de debates estruturados e críticos acerca da branquitude e seus privilégios no âmbito de ensino e aprendizagem. Somado a isso, a inexis- tência de uma abordagem racializada dos processos de adoecimento da população negra na formação acadêmica acaba por formar profissionais cada vez mais limitados, tornando o ambiente educacional um perpetuador do racismo em diferentes dimensões (BORRET *et al.*, 2020).

Após a análise dos feedbacks do público participante, também se tornou notável o impacto que a atividade “Peles Pretas Importam” gerou na formação acadêmica dos presentes, visto que foram observadas mudanças agregadoras de percepção com relação ao reconhecimento das formas de apre- sentação de algumas afecções dermatológicas na pele negra. Acredita-se que, após o encontro, haverá uma maior conscientização acerca da necessidade de criar ambientes de discussão e promover a capa- citação de gestores, docentes e discentes, objetivando sensibilizar e ampliar o conhecimento da pauta.

Figura 4: Comentários referentes à palestra no Youtube.



Fonte: Acervo dos autores.

RELAÇÃO DA PRÁTICA COM OS CONCEITOS DE EXTENSÃO

A IFMSA Brazil, enquanto organização estudantil que designa um de seus eixos temáticos à discussão dos direitos humanos e do bem-estar de populações vulnerabilizadas, proporciona o desenvolvimento de atividades voltadas à saúde dos mais diversos grupos minoritários. Foi partindo deste pressuposto que acadêmicos da FPS desenvolveram a ação “Peles Pretas Importam”, a qual trouxe à tona uma temática que é de extrema relevância social: a saúde da população negra. Foi pensando no papel de inclusão social defendido pela extensão universitária que surgiu, ainda, a ideia de discutir o tema sob o prisma da dermatologia, já que este é pouco ou quase nada abordado na grade curricular do curso médico.

Tendo em vista que a maior parte dos habitantes do Brasil são negros e que a dermatologia é uma área da saúde que pouco explora as particularidades das peles pretas e pardas, a atividade “Pele Pretas Importam” atuou como ferramenta para auxiliar e promover uma transformação nesse contexto de saúde coletiva, uma vez que há uma notável carência de iniciativas, discussões e pesquisas voltadas à promoção e à manutenção da saúde dermatológica da população de pele retinta. Dessa forma, a ação, a partir de palestra mediada por uma profissional capacitada e especialista no assunto, levou a estudantes de medicina conceitos médicos, clínicos e sociais inexplorados sobre a importância do estudo das particularidades da pele negra, agregando e contribuindo ativamente para a consolidação de conhecimentos por parte dos envolvidos nos aspectos que dizem respeito ao tema.

REFERÊNCIAS

ALCHORNE, Mauricio Mota de Avelar; ABREU, Marilda Aparecida Milanez Morgado de. Dermatologia na pele negra. **An. Bras. Dermatol.**, Rio de Janeiro, v. 83, n. 1, p. 7-20, Fev. 2008. Disponível em <http://>

www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0365-05962008000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em 06 Março 2021. <https://doi.org/10.1590/S0365-05962008000100002>.

BORRET, Rita Helena *et al.* Reflexões para uma Prática em Saúde Antirracista. **Rev. bras. educ. med.**, Brasília, v. 44, supl. 1, e148, 2020. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022020000500804&lng=en&nrm=iso. Acesso em 22 de Maio de 2021. Epub Out 02, 2020. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200405>.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Medicina**. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 4, de 07 de novembro de 2001.

BRASIL, Ministério da Saúde (MS). **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra**. Brasília: MS; 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Temático Saúde da População Negra. Brasília**, 2016. (Painel de Indicadores do SUS, v. 7, n. 10).

BRITISH JOURNAL OF DERMATOLOGY (BJD). 2019. **Under-representation of skin of colour in dermatology images: not just an educational issue**. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31157429/> Acesso em 06 de Março 2021. <https://doi.org/10.1111/bjd.17608>

FERNANDES, Marcelo Costa *et al.* Universidade e a extensão universitária: a visão dos moradores das comunidades circunvizinhas. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 169-194, Dez. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982012000400007&lng=en&nrm=iso. Acesso em 17 de Maio de 2021. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982012000400007>.

GADOTTI, Moacir & Carlos Alberto Torres, orgs. 1994. **Educação popular: utopia latino-americana**. São Paulo: Cortez/Edusp. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf. Acesso em 07 Março 2021.

HARRELL, S. P. (2000). A multidimensional conceptualization of racism-related stress: implications for the well-being of people of color. **American Journal of Orthopsychiatry**, 70, 42-57. Acesso em

23 de Maio de 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cor ou raça** [Internet]. 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-ra-ca.html#:~:text=De%20acordo%20com%20dados%20da,1%25%20como%20amarelos%20ou%20ind%C3%ADgenas>. Acesso em 06 de Março 2021.

LÓPEZ, L.C. The concept of institutional racism: applications within the healthcare field. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v.16, n.40, p.121-34, jan./mar. 2012.

LOUIE, Patricia; WILKES, Rima. Representations of race and skin tone in medical textbook imagery. **Soc Sci Med.**, 202:38–42, Fev. 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29501717/> Acesso em 06 Março 2021. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2018.02.023>

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (org), 2005. **Políticas de Extensão Universitária Brasileira**. Belo Horizonte: UFMG. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf. Acesso em: 07 Março 2021.

SANTOS, Diego Junior da Silva *et al.* **Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar**. Dental Press J. Orthod., Maringá, v. 15, n. 3, p. 121-124, Junho 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-94512010000300015&lng=en&nrm=iso. Acesso em 18 de Maio de 2021. <https://doi.org/10.1590/S2176-94512010000300015>.

THE GUARDIAN. **Decolonising dermatology: why black and brown skin need better treatment** [Internet]. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/society/2020/aug/13/decolonising-dermatology-why-black-and-brown-skin-need-better-treatment>. Acesso em 23 de Maio de 2021.